



Ano III

Florianópolis, Junho de 1947

N. 4

Encerramento do mês de Maria

No dia 31 de Maio a gruta do Colégio engalanou-se festivamente para encerrar o mês de sua padroeira, Medianeira de todas as graças.

Os alunos, congregados marianos, reuniram-se para também prestar honra a mãe santíssima.

O programa foi primorosamente organizado pelo Revdo. Padre Braun, Diretor da Congregação, e é o que segue:

- a) Canto — Nós vos saudamos;
- b) Poesia por Leonidas;
- c) Poesia por Aldo Pereira;
- d) Poesia por Carlos Ramos;
- e) Discussão por Ayres Pereira;
- f) Poesia por Mário Petrelli;
- g) Poesia por João Batista Rodrigues;
- h) Poesia por José Felipe;
- i) Encerramento do mês de maio pelo Diretor da C. M. N. Senhora da Glória;
- j) Canto — Do Prata ao Amazonas.

Todos estes alunos, apresentaram-se pela primeira vez em público e corresponderam satisfatoriamente à expectativa geral.

Ao som do hino da Congregação Mariana elevam-se aos ares fogos de artifício simbolizando as orações que aos céus se dirigiam dedicados à mãe de Deus pelos Ieís.

Após o hino da congregação foi encerrada esta beníssima festa, que por certo remanescerá nos corações de todos quantos estavam presentes.

Red.

Vida vasia

A vida parece tão vasia...
Não há flores pelos cantinhos,
Não há notas com harmonia
Nem cantigas nos ninhos.
Por quê?
Calaram-se os poetas
Logo se vê.
Suas páginas seletas
No coração fecharam,
Assim os pintores
As telas guardaram
E os compositores
As notas com melodia.
A vida parece tão vasia, tão vasia...

Aníbal Nunes Pires

Ave, Coração Divino!



JOVENS, PROCURAI A FELICIDADE?
HOMENS, QUEREIS A PAZ?
O MEU CORAÇÃO É REMANSO DE PAZ DO
QUAL FLUEM TORRENTES DE FELICIDADE.

Tempestade

O céu coberto por densas nuvens, desafiava o poderio humano. Gemiam as árvores, ao se curvarem perante a supremacia de seu adversário, o vendaval.

Tudo negro, sobrepujara o sol, escurecera a terra, o homem tremia.

Ora era arrancando um telheiro, ora um arbusto fugia aos ares, qual um pássaro a voar.

Centelhas luminosas, afastavam a escuridão, mas ao ser terrestre não era permitida esta dádiva; voltava à terra o abismo, sombras espessas emolduradas e fios prateados, visto ao relampejar de sua fúria.

Partiam-se os vidros, trovões que à terra faziam tremer.

Medo, talvez o esperançoso, o seu allado perene, o rel dos astros, o "Sol" favorecesse à eliminação do perigo.

O vento fugiu para bem longe, clareou a terra, o sol raiava.

Punjante vencedor, à terra espiava, procurava divisar os estragos, que por sua negligência, havia sido cometidos.

Chorava o sol, ninguém mais na terra para o bendizer; os seus raios luminosos coloridos com o amarelo d'ouro, mas tristes, já não alimentavam o ser humano, pois, este não mais existia.

Fora pulverizado, desaparecera como por encanto.

Não sabia o sol como acontecera, pois não tivera poder suficiente para abrir uma brecha entre as nuvens, para enviar seu emissário à terra.

Sofria por alguma coisa que julgava sublime, mas que não chegara a conhecer profundamente.

Roberto W. Schmidt
2º Cient.

Natureza

Natureza, és da terra a mãe,
De poetas, o alento,
O lar dos pássaros,
Do rischo, a fonte.
Mas não é só...
És mais ainda.
Teus troncos são fortes
Também depois da morte.
Das cores tens o verde,
O verde da Esperança.
És tudo, sim...
Mas, oh!... tu não precisas ser tudo isso!
Alento, mãe, fonte...
— És criação de Deus —
E isso basta.

Ney Ferrons Mund

Mitologia - Teseu

Quando chegava a primavera, um arauto de Minos, rei de Creta, ia a Atenas e sorteava em plena praça pública, sete moços e sete moças que eram levados prisioneiros, em virtude de terem os atenienses assassinado o filho do rei, que vencera os jogos atléticos. Teseu, filho de Egeu, rei de Atenas ofereceu-se para seguir voluntariamente, disposto a por um fim ao humilhante castigo imposto ao povo do seu país. Quando Egeu teve conhecimento da atitude do filho, proibiu-lhe terminantemente que partisse, mas foi em vão. Nem suplicas e ameaças conseguiram deter o valente rapaz. A bordo de um navio de velas negras, que deveriam ser substituídas por outras caso regressassem com vida, seguiram os jovens sorteados, submetidos já a castigos e maus tratos. De todos, apenas Teseu estava tranquilo e confiante e ainda encontrava ânimo bastante para encorajar os seus companheiros. Quando Teseu e os outros atenienses chegaram a Creta, foram logo levados à presença do rei Minos. O rei, que estava repousando, irritou-se sobremaneira com a intromissão e mandou que encarcerassem os prisioneiros, antes mesmo de ouvi-los. Quando o rei Minos soube que Teseu era filho do rei de Atenas ofereceu-lhe a liberdade, ao que o altivo príncipe respondeu: "Não, ó rei! Eu vim para ficar e não regressarei antes de libertar os meus companheiros". Ofendido



com as palavras de Teseu, Minos mandou que o atirassentado Minotauro, não dando ouvido às suplicas de Adriadna, sua filha que intercedeu pelo jovem. A princesa Adriadna, filha de Minos, foi visitar Teseu na prisão e enamorou-se dele. Então, às escondidas ela lhe ofereceu uma espada e um novelo de fio de seda afim de que ele pudesse matar o Minotauro e achar o caminho de volta por entre os complicados corredores do labirinto, que era o lugar onde habitava o monstro. Teseu foi então metido no labirinto que era uma construção complicada, feita por Pédalo, cheia de possos, galerias, pontes e precipícios, onde ele por certo, teria se perdido não fosse o auxílio do fio de seda que a princesa lhe dera. E Teseu foi avançando, cauteloso, com a espada na mão, esperando a qualquer momento o ataque do Minotauro. O Minotauro era um estranho e feroz animal que possuía corpo peludo de homem, cabeça de touro, dentes de leão e garras de águia. Assim que ele avistou Teseu atirou-se contra o príncipe, que o aguardou resolutamente. Quando o teve a seu alcance, Teseu investiu contra a fera e emb bebeu sua espada, até agarrar no coração da fera. Guiado pelo fio de seda, Teseu pôde achar o caminho de volta. A saída o aguardava impaciente a princesa Adriadna que havia adormecido os guardas com vinho. "Fuja, ó príncipe!" Fuja e leve-me consigo disse a jovem. Teseu, antes de partir correu a libertar os seus companheiros e,

Um leão quer fundar um Ginásio

No domingo de Páscoa, eu sonhei com os coelhos: uma porção de coelhos de chocolate estava à minha disposição. Quando me ia preparando para começar, um coelho grande, maior do que os outros, pôs-se na frente e disse: "Não nos mates; sei que tu estás com água na boca, mas, por favor, não nos mates", disse ele. Então eu disse que sim, que não mataria nenhum coelho. Vi então em sonho como, satisfeitos com tanta generosidade, os



coelhos se reuniram e foram falar com o leão, que era o rei dos animais.

Chegando lá, disseram: "Nós viemos aqui, Majestade, para aconselhar o senhor a fundar um colégio para os bichos aprenderem a ler". "Vós tivestes uma ótima idéia", disse o leão. "Amanhã mesmo todos os bichos estarão reunidos em assembléia, para resolver o caso; mandarei emissários, para avisar aos outros animais, para eles estarem amanhã reunidos debaixo da figueira alta.

Na manhã seguinte, todos os bichos, — macacos, raposas, corujas, tigres, leopardos, cotias, capivaras, camelos, sapos, papagaios, coelhos, etc., ... e muitos outros estavam reunidos em assembléia, debaixo da figueira alta.

Disse então o leão: "Estamos todos aqui reunidos para discutir o caso de um colégio para os bichos aprenderem a ler". Todos os aplaudiram com vivas de entusiasmo.

"Em primeiro lugar, disse o leão, vamos escolher os professores".

Então, cada um deu uma opinião e a escolha foi a seguinte: elefante — diretor; cão — prefeito que cuida da ordem; águia — geografia, porque voa muito alto e assim seus olhos conhecem todos os mapas; papagaio — português e outras línguas; macaco — educação física; tartaruga — história, porque, antes de espichar a canela, vê passarem muitos anos e acontecimentos; sabiá — canto.

"Agora, como já está tudo pronto, disse o leão, vamos fazer a matrícula".

E assim, todos os bichos que não sabiam ler na língua dos bichos, entraram para este colégio: coelho, coruja, raposa, macaco, pulga, papagaio, camelo, etc. ... e muitos outros.

"Agora seremos colegas", dizia o

em companhia da princesa, dirigiram-se todos para o porto, onde os aguardava o mesmo navio que os trouxera. Depressa eles embarcaram e se fizeram ao largo, rumando velozmente para a pátria. Dioniso, o rei do vinho, apareceu em sonhos a Teseu e exigiu que o moço desembarcasse a princesa Adriadna, pois ele a havia escolhido para esposa. Teseu, para não desobedecer ao deus despediu-se da princesa e prosseguiu viagem. A dor da perda da princesa fez, porém, que o príncipe se esqueces-

se de mandar trocar a vela do navio conforme prometera ao rei Egeu, seu pai. Egeu, que vigiava dia e noite o horizonte, postado no alto de um monte, quando viu surgir o navio de velas negras e pensando que seu filho Teseu houvesse perecido, atirou-se ao mar e pereceu afogado. E tanto foi assim que aquele mar daquele dia em diante passou a ser chamado Egeu, nome pelo qual ainda hoje é conhecido.

tatú para o bode. E todos conversavam satisfeitos. Iriam estudar bastante, para aprenderem a ler e a escrever, como os homens. Afinal foi iniciado o colégio. Localizado no alto de uma colina, enfeitado com belos jardins naturais e flores bonitas. "Queira Deus que nós aprendamos depressa", diziam uns aos outros.

A única coisa que os bichos não puderam instalar foi luz, porque não descobriram a eletricidade. Mas se ficassem sem luz, não im-

portava, porque as aulas eram dadas durante o dia.

"Se vocês estudarem com afinco, disse o leão, cada um ganhará um prêmio".

Foram então começadas as aulas.

Mas, em pouco tempo, a vadiação começou a pulga foi expulsa do colégio, porque, em vez de prestar atenção, vivia chupando sangue, assim como certos meninos que andam a chupar baías dentro de aula, atirando ainda por cima o papel no chão. Houve uma hora em que, pelo prefeito da ordem, as pulguinhas foram em flagrante apanhadas, pulando para o lombo dos cachorrinhos.

O papagaio, então! parece que foi feito para falar. Era só o professor falar, ele também já tinha de abrir a boca.

O leão, depois de muitos avisos para que eles estudassem, zangou-se de uma vez: "O sacrifício é que faz tudo", disse ele, "e já que vocês não querem trabalhar, então não merecem viver".

Quem mandou o bode dar chifradas? Quem mandou os cachorros brigarem com os gatos, quem mandou os papagaios papaguearem? Quem mandou as raposas avançarem nos pintinhos, e os burrinhos darem coices nos elefantinhos, e isto dentro da aula?

E o leão acabou com toda a bicharia, engulindo todos, menos os coelhos que, de susto, viraram chocolate. De chocolate o leão não gostava. Então acordou do sonho. "Sem sacrifício, nada adianta". E vi ao lado da cama os ovos e coelhos de páscoa, postos durante a noite não sei por quem. Vou pois separar alguns para dar aos pobrezinhos. E acabou-se a história.

Luiz Carlos S. Tiago
2º ginásial B

se de mandar trocar a vela do navio conforme prometera ao rei Egeu, seu pai. Egeu, que vigiava dia e noite o horizonte, postado no alto de um monte, quando viu surgir o navio de velas negras e pensando que seu filho Teseu houvesse perecido, atirou-se ao mar e pereceu afogado. E tanto foi assim que aquele mar daquele dia em diante passou a ser chamado Egeu, nome pelo qual ainda hoje é conhecido.

Cid Porto
4ª Série A.

O COLEGIAL

Órgão dos alunos do Colégio Catarinense

Sob a responsabilidade da Diretoria do Estabelecimento.

Diretor:
CID GOMES

Gerente:
ALFREDO ZIMMER

Redação: Colégio Catarinense

ZOOLOGIA DA PRIMEIRA DIVISÃO

Todo o país tem a sua fauna. Assim também a Primeira Divisão do Internato possui seus espécimes do genero animal.

1) — GARÇA — Originário de Tijucas, atualmente no 2º ano ginásial. No ano passado negociou com ovos, mas em vista do aparecimento destes um pouco escurecidos, desconfiou que algum urubu fizesse concorrência. Câmbio Negro.

2) — CHOPIM — Seu habitat é Biguaçu. De importação recente, pois é novato na Primeira Divisão.

3) — BODE — O sul do Estado foi quem forneceu este exemplar caprino. No futebol tem feito bons progressos. Só cuidado com a cabeçada. Tem umas guampas...

4) — OVELHA — São Francisco do Sul não tinha outra coisa à mandar e mandou este lanigero. Mas já foi para outra Divisão. Já foi tarde.

5) — SOCÓ — Como sempre, nosso Socó fica pelas regiões úmidas, pensando em Piçarras. Que temas não Socó? Que importa que a mula manque...

6) — ROLINHA — Itajaí é a sua sede. Por hora está aqui para ocupar lugar do estudo, dormitório e refeitório. Mas não pense mal dela. Ela também estuda.

7) — MACACO — Também é de Itajaí este semio. Apesar de todas as suas macaquices, já está na quarta-série, portanto formar-se-á este ano. Você já viu um macaco dançar?

8) — ALASÃO — Este nosso equino que nas horas vagas pucha carreta tem grande prazer na música. De vez em quando relembra algumas recordações do Carnaval de 1947.

Bem, por hoje basta. Com tantas opiniões sobre estes oito seres, gostaria de também saber a opinião deles.

Vou por minha pele no seguro. Até logo pessoal.

Carlos Frederico Noronha
Quarta Série A

PASSATEMPO

	12	14	
4		9	6
13	2		11
	5	3	

Escrever nos espaços vazios os números que faltam, de maneira que, somando-se qualquer das filas de quatro (4) quadrinhos, seja horizontalmente, seja verticalmente, fique sempre o resultado: 34 (trinta e quatro).

Wilson Cardoso
4ª série B

História das Coisas

II reportagem de uma série

A LÂMPADA ELÉTRICA

Continuando o prometido do mês passado, essa história é dedicada a todos aqueles que gostam da electricidade. Por hoje será mais resumido pois no mês passado descrevi-me que ocupava muito espaço. A lâmpada elétrica será o assunto de hoje.

Em 1847, veio ao mundo um guru que estava fadado a iluminar o mundo. Teve uma fábrica a qual ele chamava acertadamente de "fábrica de invenções". Já imaginam que era Thomas Alva Edison. Não vou falar da vida dele, pois não vem ao caso, se bem que só da trabalho.

Depois de 1870, o arco voltaico e a iluminação a gás estavam tornando-se muito dispendiosa, como alias já o era. Edison tentou baratear a luz para torná-la ao alcance do povo. Iniciou a construção de uma máquina pelo qual passava muito intensa de eletrons por um filamento deigado. A questão estava ai! Onde encontrar o filamento adequado? Experimentou a platina, mas está umna o ponto de incandescencia muito perto do ponto de fusão. Não servia, pois a incandescencia devia ser no vacuo, pois em presença do ar o condutor se oxida, isto é, queima-se. Lembrou-se então, Edison do fio de algodão carbonizado. Mas este por sua densa espessura, quebrava-se com facilidade. Após fazerem varios filamentos, conseguiram por um que não se quebrasse, no interior da lâmpada. fez-se o vacuo, ligaram-se os polos, moveu-se o comutador da corrente e uma luz clara deu nos olhos do cientista.

O carbonizado fio de algodão não fluminou por muito tempo pois havia ficado um pouco de ar e este foi suficiente para destruir o delicado filamento. Como o fio de algodão não servia experimentou-se de outras materias: cabelo, palha, papel, papelão, fibras de madeira, lascas de queijo e fibras vegetais.

Após experimentar 6.000 materias diferentes, Edison verificou que o bambu era o que dava filamentos de maior resistencia. Deu-se então ao trabalho de mandar investigar 1.200 variedades de bambus de todo o mundo. Seu espirito teimoso não esmoreceu ante os trabalhos negativos. Parecia que o carvão não era próprio.

Finalmente em 1879 apareceu a primeira lâmpada elétrica, com o filamento de ... carvão e de ótima resistencia, disposto num bulbo de vacuo, soldados pela fusão de vidros na base da entrada com platina.

Nunca porém devemos nos esquecer de outros nomes na história das pesquisas elétricas; Swan, Tesla, Spragne, Brush, Farwer, Steinmetz, Westinghouse, e tantos outros.

Mas Edison aborreceu-se da lâmpada, vendeu a fabrica e os donos desta aperfeiçoaram as lâmpadas.

Receberam nova forma as lâmpadas, o fio de bambu carbonizado foi revestido pelo processo Sawyer-Man. A General Elétric, uma sucessora da fabrica de Edison melhorou os filamentos. Willis Whitney, metalisou-os.

Outros acharam diversos tipos de filamentos, como o Osmio, por Von Weisbach; o Tantalio por Von Bolton; o Tungstenio por muitos experimentadores.

Por fim a General Elétric adotou o nome mitológico de Mazda, nas lâmpadas. Leitor, se quizeres podés ver em tua casa, nas lâmpadas "Edson Mazda". É da que me refiro aqui. Com a descoberta de que os gases muito rarefeitos o filamento foi dispensado quando se inventou a luz Neon. A lâmpada elétrica foi uma das invenções que

ESPORTE

A A. D. COLEGIAL NO CAMPO DA LIGA

Em prosseguimento ao campeonato cidadão de amadores, defrontaram-se as equipes do Caravana Ar e A. D. Colegial.

Na partida dos aspirantes saiu vencedor o Caravana do Ar tendo a seu favor a expressiva contagem de 6 x 3.

Para a pejeja dos quadros titulares, os comentários e palpites referiam-se somente ao Caravana, pois era o franco favorito, uma vez que o Colegial apresentou neste ano

uma equipe mais fraca que nos anos anteriores.

Dada a saída o Colegial vai à meia do adversário consignando em um minuto e meio o primeiro tento da autoria de Lauro.

A torcida animando cada vez mais os seus defensores não esmoreceu até o apito final da pejeja.

Desde o inicio notou-se que o juiz estava favorecendo o Caravana, pois deixou de assinalar uma falta máxima. Indiscutível real e vista por todos aqueles que lá estavam. Conforme a crônica da Rádio Guarujá, o juiz teve atuação

fraquíssima. A torcida fazendo forte pressão ao juiz, este teve que paralisar o jogo para pedir que não o fizessem. Neste momento levantase um nobre amigo e assíduo torcedor do Colegial, o sr. José Cândido da Silva, que defende a honra do nosso Colégio. Ao sr. José Cândido da Silva, os agradecimentos da Diretoria.

Nesta altura o Colegial envolvendo o seu valoroso e destemido adversário, assinala o segundo tento da autoria de Duduca.

Com a contagem de 2 x 0 pró Colegial terminou o primeiro tempo. Nos minutos de intervalo os "Meninos de Ouro", começaram a temer o seu adversário pois tem um preparo físico superior ao do Colegial.

Logo no inicio do segundo tempo parecia que vira a renabitação do time da Base Aérea, consignando o seu primeiro ponto. Esta esperança dos seus torcedores foi logo desfeita pois reinno dois minutos depois aumenta para tres os pontos do Colegial.

No desenrolar da partida verificou-se ajeira superioridade dos elementos colegialinos, marcando mais dois tentos por intermédio de Gil e Reinno os quais foram invalidados pelo juiz.

Aos trinta minutos de jogo do segundo tempo o Caravana marca o seu segundo ponto.

Com esta contagem de tres a dois, terminou a pejeja com a vitória para as cores do Colegial, vitória justa, e indiscutível e que acima de tudo ninguém esperava.

O quadro do Colegial apresentou em campo o seu time assum constituído: Brognon, Dinhoa e Katicps, Brinho, Jarbas e Nazareno, Reinno, Motorzinho, Gil, Duduca e Lauro.

Sem dúvida alguma todos os elementos do Colegial jogaram muito bem, a tal ponto que foi encoberta a falta daqueles dois elementos de que muito falou-se nesses patios, que na hora de começar o trabalho, viraram a camisa, e que agora não se encontram em grandes situações como se encontravam antigamente no Colegial de 1944 e 1945.

Depois do jogo a torcida invadiu o campo, trazendo os seus jogadores aos ombros, saudando-os pelo grande triunfo alcançado.

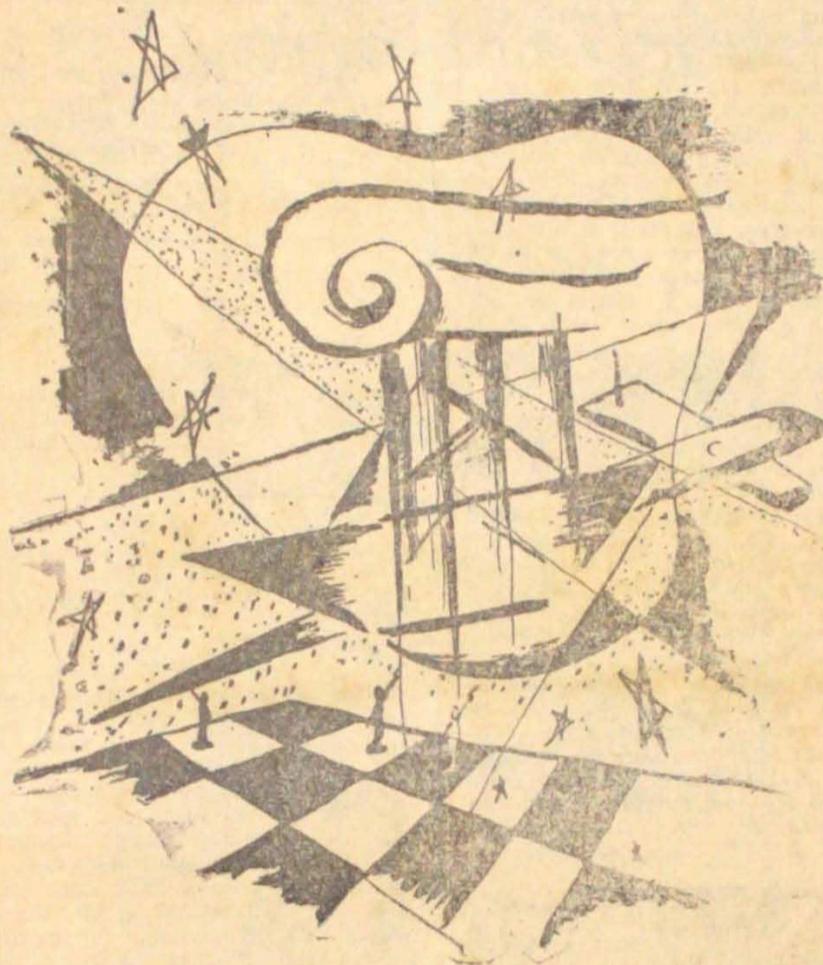
Avante Colegial, esperemos este feito repetido frente aos outros conjuntos.

Esta vitória foi mais expressiva ainda porque pela primeira vez vencemos o forte conjunto do Caravana. Este fez já varias partidas com o Colegial vencendo a todas, ou seja, em 1943, o resultado foi de 2 x 1, em 1944 foi de 5 x 0. Em 1945, no primerio turno do campeonato, foi de 0 x 0, e no retorno saiu também vencedor pela contagem de 3 x 1. Desta vez porém cnegou a vez do Colegial, vencendo o seu adversário pela contagem de 3 x 2.

Parabens Pe. Henrique, Parabens Gordo, e aos jogadores os mais sinceros aplausos.

Esperemos também que a torcida não esmoreça nos jogos seguintes, continuando ativa até o fim do jogo, e principalmente quando o quadro está perdendo, pois ai é que ele precisa do décimo segundo jogador.

C. C. P.



Desenho de Luiz H. Batista, 1º Cient., inspirado pela poesia abaixo.

Lembrança N. 1

Saudade gostosa de um tempo distante,
de uma felicidade perdida há muito.

Vontade de voltar para aquela despreocupação,
mais sincera e consciente
que o momento de hoje.

Vontade de fazer palácios de papelão
e dirigir batalhas
com soldadinhos de chumbo.

Vontade de andar de velocipede
sem temor de inspetores,
sem consciência de perigo.

Vontade de fitar a lua
sem pensar na amada,
de contemplar a cidade do alto do morro
sem desejos de ser rei.

Vontade de pensar
— no tempo em que eu fôr grande...

Raimundo Corrêa Sobrinho
"Oração aos aflitos"

mais aplicações comerciais, industriais, químicas, clínicas e um infindável número de aplicações. Só para enumerá-las gastaria colunas e colunas deste jornal.

Mas, por hoje está encerrada a palestra. No próximo número, se

Deus quizer aqui estarei com outra interessante história, sobre uma coisa que vemos todos os dias, mas não sabemos como provém. Até lá esperemos.

José Antônio de Sousa Neto
1º Científico

De uma sabatina:

No cristianismo pode um homem casar só com uma mulher. Chama-se isso **Monotonia**.

A NATUREZA DE DEUS AOS PÉS DA VIRGEM

— "P. Braun, que dia vai ser nossa peregrinação à gruta de Angelina"? Era isso o que diariamente indagavam os congregados do internato. Passavam-se os dias e nada de resposta. Até que afinal nossa curiosidade foi satisfeita. Iriamos à gruta no dia 15 de Maio, dia santo de guarda, Ascensão de N. Senhor. Na véspera desse dia, nosso diretor reuniu a todos os congregados para dar-nos algumas explicações a respeito da peregrinação. Que pena! O dia está chuvoso! Será que vai estragar nossa ida a Angelina?! Ah, não! Nossa Senhora não iria deixar que chovesse. O que de fato aconteceu.

— Partimos do Colégio num confortável ônibus. Logo na saída entoamos "Oh vinde, vamos todos", para assim começar nossa peregrinação invocando aquela que iríamos venerar mais ardentemente na gruta maravilhosa de Angelina.

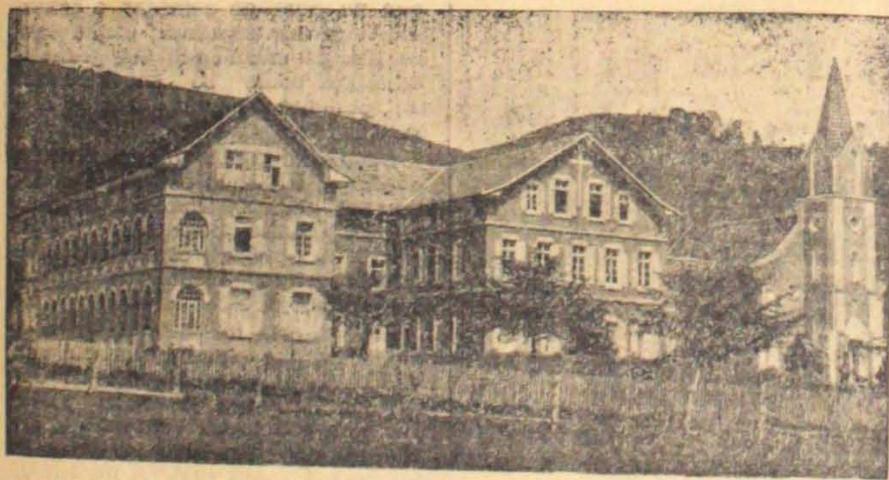
— Florianópolis adormecida ficou atrás, estamos correndo sobre a ponte "Hercílio Luz". Que vento suave e fresco! Lá ao longe, na baía do norte, ve-se a silhueta de duas ilhas como que guardando a entrada da baía: os Ratoões.

— Deixamos o Estreito e em breve estaremos em S. José que ainda continua adormecida. Ensaiam-se cantos, que iriam ser entoados em Angelina. O ônibus continua vencendo distâncias e de repente... que serão aquelas luzinhas que vemos brilhar lá no fundo? Até parecem vagalumes. O nosso diretor então nos explica que aquilo é a "Colônia Santana", onde estão recolhidos os que sofrem de alienação mental. Todos os congregados se calam como para meditar um pouco sobre o destino daqueles miseráveis. Na volta pudemos contemplar esta admirável realização. Vivem como se estivessem numa cidade, nada lhes falta a não ser a preciosa saúde. Subindo e descendo o ônibus continua devorando caminho. Estamos passando pela "Colônia Santa Teresa", uma outra formidável realização onde estão em segurança os que sofrem do mal de Hansen. Santa Teresa ficou atrás; já está amanhecendo. A estrada sobe e desce, passa por

morro à nossa frente que está envolvido em denso manto de neblina de modo que nada distinguimos.

— O ônibus parou... Que foi isso? Ah! paramos aqui para entrarmos na vila a pé. Todos tomam suas fitas, seus livros de rezas e dois a dois entramos em Angelina rezando o terço. A nossa esquerda estão construindo uma colossal igreja, que segundo parece irá competir com a de S. Pedro. Entramos numa pequena capela provisória para saudar o filho d'Aquela, que fomos especialmente venerar. Saindo da capela passamos ao lado da nova construção: Mas para onde vamos? Parece que entramos no mato. Lá está escrito: "SALVE VIRGEM DE ANGELINA" e no entanto "cadê" a gruta?!!! Passando por um portão, o caminho vai se tornando muito íngreme, pois que estamos subindo um morro quasi a pique. Para escalá-lo é necessário ir por curvas, nas quais há uma estação da via sacra. Na 13ª estação, isto é na 13ª curva, o caminho continua reto, lá está a 14ª estação e nada de gruta ainda. Andamos mais um pouco e... oh! que vejo?!!! parece impossível. Não há palavras que possam descrever o que cada um sentiu ao ver aquela gruta fenomenal! Chega-se aos pés de um rochedo de uns 5 metros de altura. Lá no alto está o nicho de N. Senhora, um pouco mais embaixo, a estátua de Bernardete. Pelo lado direito do rochedo despenha-se um feixe d'água; por debaixo dos pés um jorro d'água escorre mansamente, como se jorrasse dos pés da Virgem.

Como puderam fazer aquilo? Não sei responder. O fato é que estamos em plena mata, tendo a nossa frente aquela gruta maravilhosa, aos lados e em cima árvores, colossais. Aos pés do rochedo, separado uns 3 metros há em pleno ar livre um altar que nesta manhã está preparado para celebrar-se a santa missa. O nosso diretor irá oferecer aos pés daquela maravilha o divino sacrifício. Como Cristo não se terá alegrado ao ver o sacerdote mostrar à sua augusta Mãe o seu corpo divino, e pronun-



entre pastagens magníficas, bordadas aqui e acolá de humildes casas e belas vivendas de colonos, com suas roças, seus laranjais, suas hortas, e enfim tudo o que é necessário para seu bem estar e sustento. Em cima de um morro vamos aos poucos distinguindo uma silhueta branca, que chegando mais perto, nota-se ser o magnífico templo de S. Pedro de Alcântara. — Pe. Braun, não vamos parar afim de conhecer esta obra magnífica? — Só porque nós devemos chegar a Angelina às 7,30 horas. Conformamo-nos com a esperança de parar no regresso. Atravessamos a pequena vila. O caminho torna-se mais íngreme, continuando a subir. Já se notam os pinheiros o que nos indica que estamos a varias centenas de metros acima do nível do mar. Já são 7 horas e nada de avistar Angelina, ou qualquer sinal que nos indica-se estamos perto. Dizem que avistamos Angelina no alto do

ciar aquelas divinas palavras: Isto é meu corpo.

— Todos os congregados comungam, aproveitando o ensejo para pedirem a Mãe de Deus as graças e favores de que necessitam, durante o ano escolar e em toda a vida. Terminada a Sta. Missa todos querem provar aquela água fresquinha....

Ah! Eu vou tomar daquela que jorra dos pés da Virgem! Que fresquinha, que pureza! Quisera só tomar daquela água. Estão todos extasiados ao ver isto, que bem se pode chamar um pequeno pedaço do céu". Que pena, está na hora de descer! Antes, porém, apreciemos um pouco o panorama. Aos nossos pés estendem-se as vistosas casas da pequena vila, situada no meio de um fecundo e aprazível vale, à nossa esquerda uma estrada serpenteando pelos morros conduz a Lajes, no fundo do vale a nossa direita, estão disseminados os campos de lavoura deste bom



DR. ADERBAL RAMOS DA SILVA, NO DIA DE SUA POSSE DO GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

ORAÇÃO A CASTRO ALVES

Vejo-te no alto da montanha, reto,
De porte altivo e cabeleira basta.
Tens a celeste abóboda por teto,
Por pedestal a negra rocha gasta.

Em tua mão um estandarte ereto
Prendendo a glória, brisa que se arrasta
Numa cantiga, o versejar correto
De teus poemas que destroem a casta.

Vejo mais longe sobre as nuvens brancas
A mais formosa musa que cantaste
Em versos loiros — cheios de saudade.

É a mulher a quem sorriso arrancas
Sim — a mulher que sempre veneraste
A indobrável mulher a "LIBERDADE".

Sylvio E. Pirajá Martins

povo de Angelina. Bem... chega de contemplar e vamos descer que o estômago está dando horas. Antes, porém, mais uma espiadela a gruta. Ao descer notamos o quanto aquele caminho era íngreme, pois que algumas curvas estão justamente umas sobre as outras. Após um café bem reforçado, e já eram 9 horas, temos duas horas para conhecermos um pouco aquele lugar. Uma turma sobe ao alto do novo templo em construção, outra vai comprar guloseimas, esta aproxima-se mais daquele povo simples conversando com pessoas que vem assistir a Sta. Missa, uma outra quer conhecer melhor este lugar encantador. Desce por uma rua, sobe por outra, toma a estrada que vai a Lajes e segue até o alto do morro fronteiro e lá em cima pode contemplar um novo espetáculo encantador, no morro a sua frente, a meia altura, sobressaindo por entre árvores gigantes vê uma silhueta branca com uma pequena réstea de água ao lado. O que era aquilo todos poderão imaginar: era a gruta.

— As onze horas todos os congregados vão refazer suas forças no Colégio das Rvdas. Irmãs franciscanas, um pouco retirado e que nesta localidade mantem um curso primário. As boas Irmãs tudo fazem para nos servir bem. Após um opíparo almoço, cada qual procura passar um pouco o tempo afim de descansar. Mas que é aquilo naquele morro atrás do colégio? Vamos subir até lá?! Todos vão ao alto daquele morro, passando pela bem tratada chacara. Na metade do morro já podemos distinguir o que é. É uma colossal estátua de Cristo Redentor que com os braços estendidos parecia abençoar a nós, ao Colégio, a Angelina, a todo o mundo. Chegando aos pés, após uma breve saudação, quedamo-nos a contemplar o magnífico panorama. Aos nossos pés o Colégio com sua chacara, suas hortas, seu jardim, no morro fronteiro a Estrada que nos trouxe a Angelina, e no meio de um verdejante sem fim, um pequeno rio com uma barulhenta cascata.

— Vamos descer por que já é 1 hora. Todos aceitam o propósito e eis-nos prontos a qualquer eventualidade. É necessário que nos

apressamos, pois que às 4 horas temos que estar em S. Pedro onde haverá uma concentração mariana. Antes de sair, porém, vamos subir de novo à gruta, invocar nossa Santa Mãe. A subida desta vez foi deveras um sacrifício, o sol escaldante parecia querer torrar-nos a cabeça. Quando, chegarmos lá no alto, que outra vida! Um ar fresquinho saía por entre as matas, e em breve quasi estamos com frio. Após breves orações todos estão a vontade. Este toma água dos pés da Virgem, aqueles querem levar algumas lembranças, uma pedrinha, uma folha, um musgo, para assim ter sempre consigo um "pedacinho da gruta". A maioria, ajoelha-se aos pés da Virgem e pede as graças particulares de que necessita. Na hora da partida todos tinham ainda mais uma vez para traz, para contemplar aquela maravilha... Uma curva do caminho encobrimos, e adeus, gruta de Angelina. O carro já estava pronto para a volta. Todos embarcam penalizados por deixarem um lugar que de um modo tão especial nos fala das coisas celestes. Há, porém, outra surpresa a ver, e esta é o templo em S. Pedro. Após uma hora de viagem entramos na florescente vila de S. Pedro de Alcântara. Subindo uma pequena colina eis-nos em frente aquele templo colossal com uma cúpula que lembra a de S. Pedro em Roma. Ao transpor os seus humbraís, todos ficam boquiabertos ante aquela maravilhosa construção.

— Não há palavras que o descrevam tal como é merecido. Após a bênção do Santíssimo, houve a concentração. O Pe. Vigário saudou-nos com hospitaleiras palavras, falaram diversos congregados nossos e por fim nosso bom diretor que salientou a fé daquele simples povo. Terminada a concentração, despedimo-nos daquela gente singela, seguimos viagem para casa, com o coração transbordante em alegria, com um amor mais vivo e acentuado Aquela, a que fomos em Angelina levar o incenso de nossa homenagem.

Celestino Sachet
III Série A
Curso Ginásial